

# **Libertação Queer é Luta de Classes<sup>1</sup>**

## **JOMO**

### **(Black Orchid Collective)**

Nos últimos dois anos, a questão do casamento homoafetivo dominou o cenário das lutas queer<sup>2</sup> [e LGBTQIA+]. Alguns de nós somos ativamente apoiadores, outros, relutantemente apoiadores, e mais outros criticam que mais uma vez as lutas queer estão sendo monopolizadas por versões assimilacionistas e de classe média de normalidade e família: “Nós somos iguais a você, exceto na cama.”

Alguns defensores do casamento homoafetivo apontam para os benefícios econômicos do casamento. A classe trabalhadora e as queers pobres precisam do casamento para ajudar a aliviar sua pobreza; as queers imigrantes precisam do casamento para obter a cidadania americana. Eu concordo. No entanto, não vamos esquecer que muitas queers nunca vão se casar por causa de suas desconfianças acerca das instituições do Estado. A concessão do casamento homoafetivo não garante que os cônjuges de imigrantes obtenham vistos ou estejam livres de assédio ICE. Além disso, ao nosso redor vemos famílias para as quais o casamento não ajudou a aliviar a opressão de raça e classe que enfrentam todos os dias. Embora possa ser verdade que o casamento homoafetivo beneficia alguns casais de imigrantes, muitas vezes isso vem como uma reflexão tardia, e não como um tema decisivo das lutas do casamento homoafetivo. É inegável que a luta pelo casamento tem sido dominada por queers brancos de classe média que apoiam os Democratas e têm vergonha daqueles de nós que não se enquadram em seu status quo.

Pode-se ver o casamento homoafetivo como uma reforma a ser conquistada para abrir espaço para mais ganhos para a libertação queer [e LGBTQIA+]. Na verdade, se o casamento fosse simplesmente uma tática dentro de uma estratégia mais ampla que integrasse lutas de classe, raça e queer, talvez não causasse tanta ansiedade entre os círculos queer radicais. Na ausência de uma estratégia e visão mais amplas, no entanto,

---

1 Este texto foi escrito por um membro do agora extinto Black Orchid Collective com sede em Seattle, por volta de 2010. A organização Black Rose, dos EUA, lançou este texto novamente em seu website como um quadro-chave de análise que conecta os pontos entre a política interseccional e a política de classe. Disponível em <https://blackrosefed.org/queer-libertation-is-class-struggle/>. Nós, do ITHA, traduzimos para os leitores luso-brasileiros pois consideramos um debate muito importante para o anarquismo atualmente. Tradução de Kauan Willian dos Santos. (N.T.)

2 Durante o texto, muitas vezes o termo queer representa uma variação enorme dentro da comunidade LGBTQIA+, dessa forma optou-se por incluir a sigla entre colchetes para complementar a referência. (N.T.)

todas as nossas esperanças se concentram nessa luta e as perguntas se tornam estressantes, opressivas e intensas: estamos traindo nossas raízes? Estamos lutando pela sociedade que imaginamos por meio dessa luta? Exatamente qual é essa visão mais ampla da libertação queer para a qual o casamento homoafetivo aponta?

O fato da questão do casamento homoafetivo ter dominado e ofuscado outras discussões importantes que deveriam ser travadas entre os radicais queer mostra que tem havido uma falta de estratégia e visão da libertação queer que integre o anti-racismo, o anti-patriarcado, a luta de classes e o anti-capacitismo. Enquanto os acadêmicos produziram milhares de livros sobre teoria queer, deixando nossas cabeças tontas com a linguagem abstrata, nós, nas bases, não produzimos de forma semelhante nossa própria teoria e prática de lutas queer [e LGBTQIA+]. Isso não quer dizer que as pessoas não tenham liderado campanhas importantes e bem-sucedidas em torno da libertação queer. No entanto, a estratégia e a visão não foram claramente articuladas e foram insuficientemente teorizadas para serem replicadas e generalizadas em diferentes lugares e condições. O resultado é a dominação dos liberais, com suas ideologias pró-capitalistas, liberais racistas, apaziguadoras e de “tolerância”.

### **Os limites da ideologia da classe média**

Algumas questões gritantes são: onde está a classe trabalhadora em nossa estratégia e visão de libertação queer? Que tipo de política definiu a libertação queer de tal forma que levou ao apagamento da classe trabalhadora, que compõe a maioria da sociedade dos EUA e do mundo? A maioria das queers são trabalhadoras. Isso significa que a luta queer também é uma luta de classes. Por que não foi vista como tal? Como nos organizamos como trabalhadores para exigir a libertação queer? Quem são nossos amigos e quem são nossos inimigos? Será a burocracia sindical ou as bases que liderarão o movimento? Essas questões nos levam a examinar como a política da classe média dominou a organização queer. Essa dominação levou ao apagamento da classe trabalhadora e queers pobres. Isso não é uma mera coincidência.

Os acadêmicos da classe média produziram teorias da classe média para entender nossa opressão. Na era pós-1960, com o fim da política de luta de classes, a política de identidade assumiu o reinado. Da mesma forma, o fracasso dos grupos revolucionários em assumir o gênero e a sexualidade como partes decisivas da luta de classes significou que os acadêmicos tiveram o reinado livre para monopolizar a teoria

queer. Como resultado, os acadêmicos da classe média poderiam se safar afirmando que a política de luta de classes não tem nada a ver com a política queer porque eles confundiram a política reducionista de classes e muitas vezes heterossexista de seitas esquerdistas degeneradas com a luta da própria classe trabalhadora, incluindo seus muitos membros queer [e LGBTQIA+].

O resultado de tudo isso é que nosso movimento fica com uma análise superficial da “interseccionalidade”, em vez de uma estratégia completa pela qual os oprimidos - pessoas racializadas, mulheres, gays, lésbicas, pessoas com deficiência - podem se unir para lutar contra nossos inimigos comuns. Nos círculos progressistas, a ideia de “interseccionalidade” foi retomada pelo complexo industrial sem fins lucrativos (NPIC). Na ausência de organizações da classe trabalhadora, como organizações revolucionárias e sindicatos fortes, a academia e o NPIC se tornaram as instituições progressistas dominantes hoje. As teorias que as defendem, compreensivelmente, têm impactos duradouros.

É comumente explicado que “nossas opressões se interseccionam”. Essa opressão de raça, classe e deficiência (os -ismos) se unem para apoiar uns aos outros. Quando os ativistas fazem referência a essas interseções, geralmente é um chamado para diferentes grupos baseados em identidade para trabalharem juntos, para combater o dividir e conquistar. É também uma tentativa de reconhecer as lutas específicas de cada opressão baseada na identidade. As intenções são boas e servem inicialmente como lentes úteis para a compreensão de várias experiências, mas fracassam como teoria organizadora.

O apagamento da classe na teoria da interseccionalidade é mais claramente expresso por meio da substituição da opressão de classe pelo termo inofensivo: “classismo”. Em vez de defender a luta de classes da classe trabalhadora e dos pobres assumindo os meios de produção e o funcionamento da sociedade, a análise do “classismo” é uma tentativa de elevar a consciência dos ricos, para serem BONS, AMIGÁVEIS, SENSÍVEIS para com seus irmãos mais pobres. Sob a ideologia do “classismo”, os trabalhadores e os pobres tornam-se o fardo do homem rico, não um agente de mudança por nossos próprios direitos. Na verdade, a organização que surge de tal ideologia é tão condescendente e paternalista em relação à classe trabalhadora e aos pobres quanto o esnobismo que ela visa criticar.

Na pior das hipóteses, a teoria da interseccionalidade compartimentaliza nossas identidades - somos um compartimento de “classe”, deitado ao lado de um

compartimento de “mulher”, deitado ao lado de um compartimento de “pessoa racializada” e, em seguida, um compartimento de “pessoa com deficiência”, e a lista continua. Na realidade, não somos compartimentos organizados ordenadamente segregados e, em seguida, interseccionados. O fato de cada um desses compartimentos individuais ser posteriormente dividido naqueles com mais e menos poder institucional também é apagado. Na realidade, somos uma malha de pessoas da classe trabalhadora, queer, de gênero, com capacidades diferentes e racializadas. Não temos, naturalmente, mais lealdade ao segmento queer de nós mesmos do que ao segmento racializado - somos tudo isso ao mesmo tempo. Odiamos as queers da supremacia branca, tanto quanto desdenhamos as pessoas racializadas da classe dominante ou a burocracia operária que prontamente nos sacrificará por seus próprios interesses. Também não temos, naturalmente, mais lealdade à classe média homossexual do que aos trabalhadores comuns. Nossa autoconcepção é mais complicada e nossas libertações, mais explosivas.

Tenho ouvido vagas chamadas para queers abordarem o *trabalho*. No entanto, falando de maneira geral, o que é o trabalho? Por trabalho queremos dizer a burocracia operária ou as bases? Além disso, o que é queer? Queer são os homens gays assimilacionistas, brancos, ricos, patriarcais ou a pessoa transgênero recusada em empregos por sua expressão de gênero? Quando o queer aborda o *trabalho*, de quem exatamente estamos falando?

A maior parte do mundo é a base da classe trabalhadora, não os burocratas sindicais. A maioria das queers não é de classe média e branca. Na verdade, burocracias sindicais e classes médias queer nos traíram na busca por seu próprio poder, fazendo alianças vergonhosas exatamente com forças que exploram nosso trabalho e apagam nossas identidades. Somos majoritariamente da classe trabalhadora, soldados rasos, pessoas estranhas racializadas e é isso que a maioria de nós vê quando olhamos no espelho todos os dias. Qualquer tentativa de construir uma “aliança” entre o *trabalho* e queers precisa começar deste ponto de partida. Uma “aliança” ou “intersecção” nem deveria ser necessária, só se faz necessária pelo fato de que a burocracia sindical domina o “*trabalho*” e as elites gays (masculinas) dominam a “*queerness*”. Se pudermos quebrar essas dominações gêmeas, então será muito mais fácil construir uma “aliança” porque a maioria das queers já são trabalhadores e muitos trabalhadores são queer. Isso envolve luta e organização.

## **Luta queer é luta de classes**

Selma James é uma feminista marxista que escreveu o texto “Sexo, Raça e Classe”, entre outros textos feministas que reivindicam a libertação das mulheres da ideologia racista de classe média. Ela e outras participantes da Greve Global de Mulheres [Global Women’s Strike] foram pioneiras na organização da Salários para o Trabalho Doméstico [Wages for Housework], exigindo que as mulheres que se engajam no trabalho reprodutivo, muitas vezes invisível e desvalorizado, sejam compensadas por seu trabalho como trabalhadoras na sociedade capitalista. Eu me baseio fortemente em suas perspectivas em relação à libertação das mulheres para entender as lutas queer também como manifestações da luta de classes, na esperança de expandir além das teorias heteronormativas que, no entanto, foram tão inovadoras na época.

Para adaptar James na luta queer não precisamos nos perder na luta de classes. A luta queer é a luta de classes. Em vez de dissecar quem somos e nos dividir em compartimentos organizados que aguardam representantes simbólicos para interseccionar nossas opressões por nós, é possível vermos que essas opressões são manifestações da opressão de classe? Nossas experiências e opressões como mulheres, queers, como pessoas com deficiência, não podem ser separadas da estrutura capitalista da sociedade.

A velha esquerda revolucionária branca e masculina queria nos fazer pensar que a luta de classes estava apenas nas fábricas. Em “Sex, Race and Class” Selma James mostra de forma decisiva que a luta de classes se estende para além da fábrica. O trabalho não assalariado feito por donas de casa em famílias heterossexuais, fornece o trabalho reprodutivo que é essencial para o sistema se manter. Seja criando a próxima geração de trabalhadores cuidando dos filhos ou reabastecendo o trabalho de seus parceiros com a manutenção da casa e das necessidades básicas, as donas de casa conduzem o trabalho que muitas vezes é invisível, mas necessário para o saque contínuo e intensivo de trabalho do capitalista. A ênfase e a obstinada manutenção da família nuclear heterossexual é um produto do capitalismo. Todos os que a violam são criminalizados. Na medida em que mulheres e queers desafiam a eternidade desta instituição heteronormativa, não somos desejados.

## **Famílias Queer**

A família nuclear heterossexual garante que a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo pode ser contida dentro de casa, privando o Estado ou os chefes capitalistas de qualquer responsabilidade de manter a saúde, sanidade e desejos de seus trabalhadores. Além de ser uma instituição que substitui a sociedade no atendimento às necessidades materiais dos trabalhadores, a família nuclear heterossexual também atende a outros propósitos emocionais.

Como John d'Emilio descreve, a família nuclear sob o capitalismo deve funcionar como um local afetivo, um "espaço pessoal" que é uma fuga das tensões da vida pública de trabalho, que ajuda os trabalhadores a lidar com a alienação que experimentam no dia a dia. Somos ensinados a acreditar que mesmo que o trabalho seja ruim durante o dia, pelo menos temos nossas famílias aconchegantes para onde voltarmos. O fato de que muitas famílias de sangue são realmente disfuncionais, patriarcais, homofóbicas ou prejudiciais à nossa auto-estima, em grande parte também um produto do estresse da vida diária sob o capitalismo, não vem ao caso. Frequentemente, somos informados de que é algo a ser tolerado, uma vez que é o único local de confiabilidade e conforto imaginado com o qual podemos contar em um mundo cão. Somos ensinados desde jovens que, além do sangue, outras relações são testadas e muitas não sobrevivem. A realidade é que toda relação é testada e estressada sob o capitalismo e não podemos escapar da alienação de forma definitiva, com núcleo familiar ou não, sem luta.

A libertação queer [e LGBTQIA+] está profundamente ligada à existência de famílias não heteronormativas como famílias legítimas com acesso a serviços sociais, empregos, educação, abrigo e apoio. Essas famílias vão além do casamento homoafetivo, embora este possa servir como uma reforma útil. Nossa necessidade de abranger lutas para diferentes famílias tem a ver com o fato de que a possibilidade de rejeição total e abandono por nossas famílias e comunidades de sangue, uma perda de suporte financeiro e emocional delas, tem sido um medo real para muitos de nós. Alguns de nós somos agradavelmente surpreendidos por famílias que ainda assim nos aceitaram e nos amaram, e outros ainda ficaram brutalmente desapontados. Apesar de tudo, à luz de teorias que continuarão a ver nossas transgressões das normas heterossexuais como um sinal de instabilidade mental individual, uma comunidade que afirme nossos desejos e necessidades é ainda mais necessária. Famílias escolhidas,

famílias não heteronormativas, não são meramente luxos, elas são necessárias para nossa sobrevivência diária, de forma concreta.

No entanto, sob o capitalismo, essas famílias são ilegítimas. Famílias com mães solo, ou famílias com pessoas com deficiência, ou famílias extensas com idosos e jovens dependentes, ou comunidades que aceitam parentes não consanguíneos como seus próprios, lutam para sobreviver com os cheques da previdência social ou salários mínimos. Essas famílias não produzem pronta e previsivelmente os futuros trabalhadores disciplinados e obedientes que entregarão seus corpos ao capitalismo em troca de uma ninharia de salário. Nossa rejeição da disciplina capitalista é descartada, como nossas inadequações culturais. Percebendo nosso trabalho como indesejados e indignos de confiança, os capitalistas nos rejeitam na economia e nos mandam para prisões, lares de idosos, instituições mentais ou para a economia informal das ruas, ainda conseguindo, no processo, extrair algum lucro para si mesmos por meio de nossa opressão.

A ideologia da classe média não pode nos libertar porque reitera os ataques capitalistas às nossas famílias escolhidas e não heteronormativas. Vai nos ensinar a rejeitar as famílias que temos e a nos contentar com a família mais nuclear, mais hétero, mais “responsável”. E alguma organização sem fins lucrativos ainda nos oferecerá programas de treinamento profissional para os piores, mais baratos e mais degradantes empregos do setor de serviços e espera que sejamos gratos. O ato de bem-estar de Clinton fez exatamente isso e se mascarou como um programa bem-intencionado de "puxar a si mesmo pelas próprias botas". Isso se expressa em termos de aprendermos “habilidades para a vida”, aprendermos a ser cidadãos responsáveis sob um sistema capitalista, a desaprender nossa rebelião. Ainda assim, não há compreensão de que muitos de nós desprezamos esses programas e esses empregos, não porque somos preguiçosos, mas porque a opressão de classe no local de trabalho, no setor de serviços, não é uma alternativa desejável. O fato de encontrarmos um emprego de salário mínimo gerido por uma administração cada vez mais pesada, humilhante e indesejável, é então atribuído a nós: somos incapazes, preguiçosos e indignos de confiança.

Não é surpresa que o Stonewall<sup>3</sup> acontecesse nas ruas, no bar mais sujo que fez seu negócio de servir gays ser banido de outras partes da cidade. Queers ferozes, muitas

---

3 A rebelião de Stonewall foi uma série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York que aconteceu nas primeiras horas da

delas pessoas racializadas e trabalhadoras do sexo, trabalhavam nas ruas e saíam em sua defesa. Onde os empregos na economia formal excluíaam queers, especialmente as pessoas transgênero, as ruas e sua economia informal eram e ainda são vistas como o único lugar para encontrar dinheiro e família. Onde os hormônios são muito caros e inacessíveis porque nossas necessidades são vistas apenas como opções eletivas pelas indústrias de seguros, as versões de rua proporcionam transições suficientes. No entanto, o aumento da AIDS entre as comunidades queer na década de 1980 é um reflexo dos desafios da vida nas ruas, da pobreza e da falta de assistência médica abrangente acessível, para que não romantizassem demais seus perigos. O completo abandono do Estado, a retórica da culpa que choveu sobre as comunidades queer como resultado da epidemia de AIDS, mostra como nossa sobrevivência não pode acontecer sem uma luta.

Reconhecendo que toda luta precisa de aliados estratégicos, para onde nos voltamos? A ideologia classe média, por meio do Estado e do complexo sem fins lucrativos atuam para nos salvar de nós mesmos e nos ajudar a superar nossa *queerness*, abandonando nossas famílias escolhidas no processo. Mesmo as sem fins lucrativos progressistas atuam por nós através de acordos a portas fechadas com o Estado ou com os Democratas, que provaram simplesmente serem os piores traidores duas caras da libertação queer. Se nós pudermos concordar que tais resoluções são insatisfatórias, para quem as queers engajadas na economia informal, as quais as ruas são o lar, podem se voltar para nossa libertação coletiva. Como nós podemos fazer a luta contra discriminação contra transgêneros nos locais de trabalho, a luta por melhores salários e empregos mais atrativos, uma verdadeira luta nas ruas e não uma mera reforma legal negociada em acordos à portas fechadas dos quais muitas de nós são excluídas?

### **Homofobia e transfobia também são opressões de classe**

Apesar de todo o seu discurso sobre o fomento da criatividade por meio da competição, o sistema capitalista é o mais repressivo em sufocar a criatividade e a motivação de seus trabalhadores. Insiste em nos ver meramente como engrenagens de um sistema, desprovido de pensamentos, emoções e desejos. Quando as queers são

discriminadas no processo de contratação por serem muito desviantes de gênero, muito exagerados, muito extravagantes, é porque perturbamos a fantasia capitalista de um trabalhador sem cérebro, sem emoção, semelhante a uma máquina. Somos punidos por mostrar que realmente não há uma divisão entre a vida pública no local de trabalho e nossa vida privada como seres sexuais, emocionais e de gênero. Trazemos nossas vidas privadas para nossas vidas públicas, o local de trabalho, seja porque não temos intenção ou nenhuma maneira de esconder quem somos.

O ataque às expressões queer de gênero e sexualidade no local de trabalho sob o capitalismo é uma tentativa de nos privar de nossa agência, criatividade, sexualidade, inteligência. No entanto, esses mesmos traços são aqueles que os trabalhadores homossexuais e heterossexuais utilizam para passar por um dia de trabalho cansativo. Improvisamos nossos trabalhos com lições aprendidas de anos de experiência ou histórias trocadas por colegas de trabalho confiáveis; Mantemos uma integridade no local de trabalho que os chefes nos pressionam a trair: nos recusamos a delatar nossos colegas de trabalho, ajudamos os funcionários mais lentos e mais novos a passar para que sejam pagos como todos nós; Também sabemos melhor do que o próximo novo gerente onde estão todos os riscos à segurança no local de trabalho, ou como organizar melhor o trabalho. Todos esses aspectos do trabalho não podem ser encontrados nos manuais dos empregadores, mas são lições transmitidas por meio de conversas nas salas de descanso ou no trabalho, ou durante discursos nas estações de relógio de ponto. Assim como os trabalhadores queer são vistos como ultrajantes demais por nossas transgressões do que é normal no local de trabalho, essas conversas inestimáveis são vistas como muito ousadas e indisciplinadas por um sistema capitalista desumano.

Essas demandas por nossa liberdade, da expressão de gênero ao controle no local de trabalho, vão além do contrato ou de nossos salários. Na melhor das hipóteses, essas são demandas que surgem de nosso desejo como trabalhadores de ver o local de trabalho não apenas como locais de alienação, mas também como extensões de quem somos e de nossos relacionamentos. Atualmente, é apenas o escalão superior, os CEOs, que colocam seu próprio selo exclusivo e personalizado em seu local de trabalho. Esses desejos desafiam a base fundamental do controle capitalista sobre nosso trabalho. Por esse motivo, eles estão além dos limites da política sindical e não podem ser negociados com sucesso através do contrato. É nas lutas diárias dos trabalhadores de base onde essa tensão é vivida e assim será através de nossa ação diária, independente e militante que essa tensão poderá ser superada.

## **Patriarcado**

Sob o capitalismo, o patriarcado cumpre a dupla função de desvalorizar o trabalho feminino, particularmente o das mulheres racializadas, bem como apaziguar o trabalho masculino oprimido. O binarismo de gênero, a família patriarcal e o casamento heterossexual são manifestações fundamentais do patriarcado que afetam a vida cotidiana dos trabalhadores.

O binarismo de gênero limita e impõe a divisão entre os gêneros masculino e feminino, subjugando o segundo ao primeiro. Historicamente, os trabalhadores do sexo masculino, principalmente os brancos, têm sido atribuídos à racionalidade, ao conhecimento científico e ao poder em relação às trabalhadoras. As mulheres, o sexo supostamente inferior, são lançadas com histeria, emoções, instabilidade, necessitando de supervisão e controle masculino. As mulheres negras foram desvalorizadas na sociedade, alvos do racismo e do sexismo, e seu trabalho, o mais desvalorizado. Nossa mão de obra barata e acessível proporcionou ao capitalismo um *looping* interminável de trabalhadoras que aceitarão baixos salários.

A fraternidade da supremacia masculina também institucionaliza essa divisão para evitar que os trabalhadores do sexo masculino questionem suas próprias opressões - sempre há alguém em pior situação. Através do processo de escravidão e supremacia branca, a classe dominante dos EUA percebeu que poderia manter os trabalhadores brancos sob seu controle, dando-lhes melhores salários e outros benefícios negados aos trabalhadores negros. Isso os encorajou a refletir sobre o fato de que, por mais miseráveis que sejam, pelo menos não são negros. Da mesma forma, muitos trabalhadores do sexo masculino se congratulam por não serem sexualizados, objetificados e desvalorizados como mulheres trabalhadoras sob o sistema capitalista. Sempre há alguém em pior situação. Sob esse binarismo, os não binários, trabalhadores trans não conseguem encontrar um lugar estável e liberado. Para os supremacistas masculinos, as mulheres trans traíram seu gênero, e os homens trans profanam o gênero masculino. Por sua ruptura, ambos realizam a indesejável, indefensável e transgressora divisão.

Nossa mera existência como queers não implica naturalmente que sejamos antipatriarcais ou anticapitalistas, mas nossa existência ameaça esse binário sob o capitalismo e cabe a nós apresentar uma política que utilize esse poder. Por meio de uma política queer que também se origina de lutas anti-patriarcais, desafiamos a noção

de que as trabalhadoras precisam ser subservientes ou de que os trabalhadores homens precisam se agarrar às correntes de sua prisão. Podemos destruir o binarismo de gênero em qualquer lugar que formos e, por meio disso, dismantelar os sistemas que têm como premissa sua existência.

À medida que o sistema capitalista abandona as cidades americanas antes prósperas e sindicalizadas para explorar mão de obra mais barata em outros lugares, as cidades desindustrializadas estão cheias de desempregados e pobres de todos os gêneros. O ensaio esclarecedor de Lisa Duggan<sup>4</sup> sugere que, onde o privilégio branco e o privilégio masculino antes garantiram aos brancos e aos homens um senso de direito com base em sua raça, gênero e cidadania, hoje a corrida capitalista para o fundo do poço retirou esses benefícios e, em vez disso, apresenta desemprego e bem-estar como as poucas opções viáveis. Em vez dessas perdas, os trabalhadores brancos do sexo masculino ou reconhecem a necessidade de ficar ao lado de outros trabalhadores oprimidos, ou se ressentem de sua perda e procuram reforçar esse senso de superioridade e direito. Pode-se argumentar que Vincent Chin e Brandon Teena foram vítimas de uma última apreensão da masculinidade e de seus privilégios na desindustrialização das cidades.

Brandon Teena, um homem trans que foi estuprado e assassinado a sangue frio em 1993, em Lincoln Nebraska, depois que sua identidade transgênero foi revelada. Sua história foi retratada em *Boys Don't Cry*, bem como em *Brandon Teena Story*. Lisa Duggan situa o que aconteceu com Teena no contexto da desindustrialização de Lincoln, Nebraska. Na ausência de empregos e na presença de pobreza abjeta, aqueles que transgrediram limites foram submetidos à violência. Eles ameaçaram uma ordem existente que não podia lidar com qualquer trepidação. Ela diz com perspicácia,

Uma política que não consegue entender as restrições, coerções, pressões e privações impostas por hierarquias de classes e exploração econômica, ou que não consegue imaginar as realidades das vidas rurais, agrícolas e outras não metropolitanas, não pode falar com os Brandons em nosso meio. *Brandon precisava de um movimento*

---

4 Lisa Duggan, "The Brandon Teena Case and the Social Psychology of Working-Class Resentment," *New Labor Forum* 13(3)2004.

*operário, uma política da classe trabalhadora, uma crítica das crueldades econômicas.*<sup>5</sup> (ênfase nossa)

A citação de Duggan e sua análise são importantes porque discute a homofobia e a transfobia não apenas como uma forma incompreensível de ódio por pessoas heterossexuais, mas sim a situa no contexto de desindustrialização, pobreza e pressões que tal privação econômica cria para todas as pessoas que vivem aquele ambiente. Isso é importante para entendermos, não para desculpar a violência dos crimes do perpetrador, mas sim para entender suas origens para que possamos lutar e mudar as condições que os criaram. Um ódio incompreensível não pode ser destruído e nem pode ser transformado, mas através da luta de massas, uma condição econômica e suas pressões que levam à transfobia e à homofobia, podem potencialmente serem mudadas.

No entanto, ao contrário do que o chauvinismo da classe média quer nos fazer crer, a homofobia e a transfobia não são apenas os domínios das cidades desindustrializadas e da classe trabalhadora. O reconhecimento da existência da homofobia e da transfobia dentro das comunidades da classe trabalhadora é simplesmente uma avaliação sóbria e o reconhecimento dos desafios que temos que superar na concretização da organização em direção a uma visão de uma libertação queer da classe trabalhadora. Como diz Joanna Kadi, a caricatura do trabalhador homofóbico também é uma fantasia de queers elitistas que não tiveram nenhum contato significativo ou simplesmente desdém e ódio de classe pela classe trabalhadora. Pessoas de classe média e seu chauvinismo urbano nos fazem acreditar que queers fora das áreas metropolitanas estão sujeitas a crimes de ódio ainda maiores, ou violência de suas comunidades. Essas pessoas não têm como entender as inúmeras maneiras pelas quais nossas famílias e comunidades também expressaram seu amor e apoio aos nossos estilos de vida e parceiros escolhidos. Presas por normas de etiqueta social menos rígidas com as quais os ricos são socializados, nossas famílias da classe trabalhadora são menos inclinadas a esconder o que acreditam. Isso não significa que somos mais ou menos homofóbicos, simplesmente mais vocais sobre o que quer que seja. Quando os holofotes brilham sobre a questão da homofobia da classe trabalhadora, o que fica invisível, é a heteronormatividade institucionalizada, o racismo, a capacitação e a opressão de classe que destruíram mais vidas homossexuais do que os crimes de ódio jamais fizeram. Os

---

5 Ibidem.

militares, o abjeto sistema de saúde que aumenta nosso risco de HIV / AIDS, desemprego e brutalidade policial são apenas alguns exemplos. Não nos esqueçamos que o sangue está nas mãos da classe dominante capitalista e da classe média que cria, apoia e faz cumprir essas políticas.

Estaremos degenerando e caindo em um reducionismo de classe ao situar as lutas queer dentro da opressão de classe? Corremos o risco de dizer “Queers e Héteros, se unam e lutem?” na mesma linha que o Partido Comunista uma vez idealizou para os trabalhadores negros? A visão de “Preto e Branco, se unam e lutem” colocava as demandas dos trabalhadores negros em segundo plano em relação às demandas dos trabalhadores brancos, alegando que os trabalhadores negros deveriam silenciar suas lutas contra o racismo por uma fachada de unidade. Em vez de exigir que os trabalhadores brancos superassem a supremacia branca, os trabalhadores negros foram acusados de dividir a classe por meio de sua resistência contra seus colegas racistas. Para nossos propósitos, como podemos evitar as mesmas estratégias reducionistas de classe que clamam por uma frente popular não democrática entre trabalhadores queer e um movimento operário muito heteronormativo?

Existem algumas lições preciosas a aprender com o movimento Black Power. Em seu artigo, James discute como Malcolm X, uma figura que muitos associariam apenas com a política nacionalista negra, foi capaz de atingir o ponto crucial da luta da classe trabalhadora. Para citá-la:

Os intelectuais no Harlem e Malcolm X, aquele grande revolucionário, eram ambos nacionalistas, ambos pareciam colocar a cor acima da classe quando a esquerda branca ainda cantava variações de "pretos e brancos, unam-se e lutem" ou "negros e operários devem se unir". A classe trabalhadora negra foi capaz, por meio desse nacionalismo, de redefinir a classe: esmagadoramente, negro e operário eram sinônimos (nenhum outro grupo tinha operário como sinônimo - exceto talvez as mulheres), as demandas dos negros e as formas de luta criadas pelos negros eram as mais abrangentes da classe trabalhadora.<sup>6</sup>

---

6 Selma James, “Sex, Race and Class.” Disponível em: <http://libcom.org/library/sex-race-class-james-selma>

Onde a classe é racializada e a opressão exacerbada ao longo das linhas raciais, a raça também foi outra redefinição de classe. A Liga dos Trabalhadores Negros Revolucionários [League of Revolutionary Black Workers] foi um exemplo. Com sede em Detroit no final dos anos 1960, o LRBW era uma organização negra de trabalhadores da indústria automobilística independente da burocracia sindical. Eles viram que a burocracia sindical, em sua colaboração com a gestão, era incapaz e sem vontade de lutar contra o racismo que os trabalhadores negros enfrentavam. Eram sempre os últimos contratados e os primeiros demitidos, e sujeitos a condições de trabalho extremamente perigosas porque suas vidas não importavam para os capitalistas e a burocracia sindical. O LRBW tomou ações independentes no chão de fábrica, como greves selvagens, para lutar por sua segurança, por meio de uma mensagem de luta dos trabalhadores negros contra o racismo. Quando as reivindicações foram cumpridas, foi uma vitória de toda a classe trabalhadora. A luta negra é a luta de classes.

Como podemos formar organizações hoje que assumem as lutas que trabalhadores queers [e LGBTQIA+], tanto empregados quanto desempregados, enfrentam no local de trabalho e, ao fazê-lo, promovem a luta por toda a classe trabalhadora? Para que nossas vitórias sejam também vitórias de classe?

A necessidade de uma teoria e prática da libertação queer da classe trabalhadora não é apenas uma incursão acadêmica. É uma necessidade para nós irmos além do jargão abstrato da teoria queer, além dos anais da academia, centros urbanos e cenas progressistas sem fins lucrativos. Se quisermos atrair queers que são da classe trabalhadora, pessoas racializadas, têm diferentes capacidades e que podem nem mesmo se identificar como queer, mas cujas vidas amorosas, vidas sexuais, expressões de gênero e formações familiares estão todas estranhamente fora da heteronormatividade, então precisamos articular uma política que reflita essa diversidade.

Baseando-se nas palavras do Combahee River Collective, queers da classe trabalhadora de todas as raças, habilidades e gêneros, temos que ser responsáveis por nossa própria libertação. Temos que construir o poder de tal forma que aqueles que nos acusam de dividir seu movimento operário heterossexista, ou seus movimentos homossexuais de classe média branca, tenham que perceber que “eles podem não apenas perder aliados valiosos e trabalhadores em suas lutas”, mas que eles também podem ser forçados a mudar suas formas habitualmente heterossexistas de interagir e oprimir queers da classe trabalhadora.

Em 1978, as feministas lésbicas negras do Combahee River Collective disseram:

Podemos usar nossa posição na base, entretanto, para dar um salto claro para a ação revolucionária. Se as mulheres negras fossem livres, isso significaria que todos os outros teriam que ser livres, pois nossa liberdade exigiria a destruição de todos os sistemas de opressão.<sup>7</sup>

Faremos bem em aprender com essa história para construir nossa teoria e prática sobre uma libertação queer que abarca uma política de luta de classes anti-racista, anti-patriarcal e anti-capacitista.

Poder para queers e, portanto, para a classe.

**Revisão:** Ivan Thomaz de Oliveira

Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 06 de março de 2021

---

7 Combahee River Collective Statement. Disponível em:  
<http://circuitous.org/scraps/combahee.html>